

Calma aparente não disfarçava a tensão

A sala do coordenador eleitoral do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), Enir Braga, não refletia o clima da votação que viria em seguida. Os advogados Joel de Moura, Francisco de Oliveira Prado e Armando Malheiros, contratados para impedir a impugnação do animador Sílvio Santos, sentavam-se aparentemente calmos numa mesa de vidro da vasta sala de Braga, um dos maiores especialistas sobre legislação eleitoral do tribunal. Eram ainda 17h.

O clima era falso. Pouco antes, às 15h30, Armando Malheiros queixava-se dos funcionários do hotel onde estava hospedado e sofria o assédio constante de jornalistas. Hospedado inicialmente no quarto 220, ele se transferiu para o 221 tentando fugir das perguntas. Mas não conseguiu. Nervoso, ele recebia os jornalistas com rispidez. Era preciso estudar mais a sustentação em plenário que faria mais tarde, explicava, tentando ser educado.

Da sala de Braga, no segundo andar, o trio desceu para o primeiro, onde fica a sala das sessões. Eles se dirigiam para a sala do diretor geral do TSE, Sebastião Xavier. Quando passaram pelo salão principal do primeiro andar, lotado de jornalistas, advogados, estudantes e partidários dos candidatos, acabaram se perdendo. Foram parar na sala onde os ministros realizam as sessões secretas, destinada ontem de improviso aos jornalistas. Alertados do engano, retomaram o rumo, tendo que passar novamente pelo tumultuado salão em direção à sala de Xavier. Era o sinal para os fotógrafos e cinegrafistas. Começavam os minutos mais tensos antes do julgamento.

A movimentação dos astros coadjuvantes da sessão indicava que as estrelas - os sete ministros - estavam chegando. Na sala de Xavier, o assessor de imprensa, Irineu Tamarini, repreendeu José Júlio dos Reis, secretário do presidente do TSE, ministro Francisco Rezek, que deixou inadvertidamente fotógrafos e alguns jornalistas entrarem na ante-sala do diretor. A tensão aumentou mais quando quatro seguranças foram colocados no início do corredor que dava acesso à sala das sessões.

A chegada do advogado Célio Silva, atuando pelo PRN de Collor de Mello, apontou a iminiência do início da sessão. Aparentando tranquilidade, ele não se negou a falar com os jornalistas, mas não parou de andar. O vice-procurador eleitoral, Ruy Franca, anônimo, atravessava o corredor que separava sua sala da do corregedor geral eleitoral quase correndo, sem olhar para ninguém. Eram 17h30. Ele acabava de sair de uma ligação telefônica de uma hora e meia com o procurador-geral eleitoral, Aristides Junqueira, que teve que deixar uma sessão do Supremo para conversar com seu colega.

As 18h10 chegou o astro principal. Rezek deixou apressado o elevador e foi seguido por um cinegrafista de plantão, que tentou acompanhá-lo. Não conseguiu. Os seguranças improvisados interromperam a equipe que seguia o presidente do TSE. Mesmo sisudo, como de hábito, Rezek não dissimulou a tensão, visível em quase todos os ministros, como Antonio Vilas Boas, a quem caberia pouco depois dar o primeiro voto da sessão, como relator da matéria.